

A publicação científica como placebo

Roberto Polanco-Carrasco [1]

Não seria de estranhar que entre os critérios considerados pelos autores no momento de escolher uma revista para publicar, acharmos que alguns deles qualificaram como um placebo. O efeito placebo é freqüentemente, sinónimo de inútil em tratamentos de saúde. Esse efeito também é usado na ciência médica como ferramenta metodológica para mesmo desacreditar ou mesmo descartar, tratamentos ineficazes e/ou prejudiciais. No grupo placebo, mesmo não havendo um princípio ativo que justifique o seu uso, é possível apreciar efeitos concretos e mensuráveis em pessoas tratadas com eles.

Pode-se identificar uma ampla variedade de placebos, associados com tradições diversas, rituais ou superstições¹. Todos eles coincidentemente, activam mecanismos neurobiológicos precisos que envolvem neurotransmissores e áreas importantes do cérebro, tais como o córtex pré-frontal, ínsula anterior, córtex cingulado e amígdala². A pesquisa científica progride na identificação de marcadores genéticos para distinguir aos indivíduos mais sensitivos para responder aos placebos³. Por exemplo, estudos clínicos proporcionam provas sobre os mecanismos e vias que utilizam o placebo no caso da analgesia, que não diferem das utilizadas pelas substâncias activas da maior parte dos medicamentos para tratar a dor⁴. Um estudo recente em pacientes com dor aguda ingressados de urgência revelou que a acupuntura mostrou maior eficácia, rapidez e tolerância que a morfina por via intravenosa⁵.

Embora a pesquisa tenha revelado as vias neurobiológicas das respostas ao placebo, os dados coletados sugerem que os benefícios terapêuticos associados ao placebo não alteram a pato-fisiologia da doença de base além da manifestação dos seus sintomas. Os benefícios relacionados à sintomatologia são acompanhados por um evidente compromisso

emocional e cognitivo, assumido tanto pelo terapeuta como pelo paciente e, por que não dizê-lo, por um importante grupo da sociedade que aceita de bom grado os efeitos positivos de várias substâncias e tratamentos. Esta eficácia simbólica⁶, relacionada com o envolvimento dos participantes e um maior senso de controle¹, coincide com aquilo que o Marquês de Puységur descreveu em 1784, como sendo os elementos chave indispensáveis para a eficácia do magnetismo animal, técnica desenvolvida por Franz Mesmer, precursora da hipnose moderna e amplamente utilizada na segunda metade do Século XVIII⁷.

A escolha da publicação feita por cada um dos autores, é devida também às características da tradição e cultura acadêmica. Assim descobrimos que métricas de citação, como o fator de impacto, são utilizados como parâmetros para a escolha, assume-se que um fator de impacto maior significa sem dúvida, maior qualidade da publicação. Esta ideia errada mas comumente aceite é por vezes, apoiada pelos editores e poderia ser entendida como uma forma de placebo na hora de decidir onde publicar^{8, 9}.

Da mesma forma como é observado o modo de administração, a cor, forma e preço do placebo são relevantes ao se obter uma maior resposta terapêutica em pacientes^{10, 11}, estudos recentes demonstram que a credibilidade de um artigo da neurociência cognitiva será maior se o texto for acompanhado de imagens do cérebro¹². O uso de gráficos e tabelas em um artigo de psicologia também é associado com a abordagem dos assuntos mais densos da disciplina¹³.

Todo artigo científico é lido de modo subjetivo, não somente a temática é avaliada, mas também o prestígio da publicação. Essa leitura é evidente quando, além do conteúdo, a origem e prestígio da revista são usados como um argumento. Embora seja errado considerar

o fator de impacto e outras métricas -construídas para medir a produtividade de uma revista-, como indicadores da qualidade e da importância científica de um artigo e / ou autor em particular, também é reconhecida a necessidade de melhorar esses indicadores e educar quanto ao seu verdadeiro escopo^{14, 15, 16}.


Independientemente dessa melhora necessária, enquanto esses indicadores bibliométricos continuem a ser uma prática comum e generalizada a nível institucional e governamental, o efeito placebo será inevitável sobre algumas condutas de muitos pesquisadores.

Posivelmente esta tendência esteja relacionada com o fato que as revistas donde publicar são a meta ou ponto de chegada e não um lugar de trânsito, quer dizer, o suporte desde o qual as ideias e descobertas serão divulgadas, com a finalidade de atingir a maior quantidade possível de pesquisadores e profissionais. Os editores contribuem -com certeza-, para esta projeção, ao centrar as suas preocupações em maiores e melhores indicadores, por cima de aumentar a quantidade de leitores adequados para publicação.

Felizmente, o uso cada vez mais acentuado e profissional das redes sociais¹⁷ e a emergência dos MegaJournals¹⁸, estamos testemunhando uma mudança na preocupação do pesquisador, isto é, desde como ele será recebido pela revista-objetivo para um maior interesse e conhecimento sobre a modo em que o artigo é recebido e usado pelos seus pares, sejam eles pesquisadores, profissionais, docentes, estudantes, editores, do governo e do público geral^{19, 20, 21}.

Se considerarmos que publicar em uma revista com um elevado factor de impacto não ira garantir maior visibilidade nem citação²², o desafio consistirá em que nenhum artigo publicado em revistas submetidas a

arbitragem seja desprezável, pois minimamente todos eles entregarão a informação necessária para aumentar a precisão dos resultados dos -cada vez mais comuns, meta-análises de estudos comportamentais. Com o surgimento de métricas alternativas e recursos digitais^{23, 24, 25}, o foco estará centrado no artigo e nos dados, em lugar das publicações como um todo.

Os próximos desafios, além do produtivismo acadêmico, tanto para os autores, leitores e principalmente para os editores, parecem ser alfabetizar em ciências, entender que o prestígio ou influência de uma pesquisa não deve ser reduzida a um indicador único e ainda, não sermos seduzidos pelo efeito placebo da publicação. 

REFERENCIAS

1. Deömeör, Z., Ruíz-Barquín, R., Szabo, A. Superstitious behavior in sport: A literature review. *Scandinavian Journal of Psychology* 2016; 57, 368–382. DOI: 10.1111/sjop.12301
2. Finniss DG, Kaptchuk TJ, Miller F, Benedetti F. Biological, clinical, and ethical advances of placebo effects. *Lancet* 2010; 375: 686 – 695.
3. Hall KT, Loscalzo J, Kaptchuk TJ. Genetics and the placebo effect: the placebome. *Trends Mol Med* 2015; 21: 285 – 294
4. Petrovic, P., Kalso, E., Petersson, K.M., Ingvar, M. Placebo and Opioid Analgesia-- Imaging a Shared Neuronal Network. *Science* 2002; Vol 295, Issue 5560, pp. 1737-1740 DOI: 10.1126/science.1067176
5. Grissa, Mohamed Habib et al. Acupuncture vs intravenous morphine in the management of acute pain in the ED. *The Journal of Emergency Medicine* (in press) Agosto de 2016 DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ajem.2016.07.028>
6. Peña, Francisco de la; Más allá de la eficacia simbólica del chamanismo al psicoanálisis. *Cuiculco* 2000; enero-abril, <http://www.redalyc.org/pdf/351/35101809.pdf>
7. Polanco-Carrasco, R. Una Historia Artificial del Estudio de la mente: en busca de su “objeto”. *Cuadernos de Neuropsicología Panamerican Journal of Neuropsychology* 2009; 3(1), 24-64. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-41232009000100003&lng=pt&tlng=es.
8. Deciphering impact factors. *Nature Neuroscience*. 2003; 6 (8):783. doi: 10.1038/nn0803-783
9. Bloch S., Walter G. The impact factor: time for change. *Aust. N. Z. J. Psychiatry* 2002; 35:563–568.
10. Donnelly, G. The Placebo Effects and Holistic Interventions. *Holist Nurse Practice*. 2004. 18, 238-241.
11. Espay AJ, et al. Placebo effect of medication cost in Parkinson disease: a randomized double-blind study. *Neurology* 2015; Feb 24;84(8):794-802. doi: 10.1212/WNL.0000000000001282 .David
12. P. McCabe, Alan D. Castel, Seeing is believing: The effect of brain images on judgments of scientific reasoning. *Cognition*. 2008; 107 (1) 2008, 343–352.
13. Smith LD, et al. *Constructing knowledge*. The role of graphs and tables in hard and soft psychology. *Am Psychol*. 2002 Oct; 57 (10): 749-61. <http://psycnet.apa.org/journals/amp/57/10/749/>
14. Ewen Callaway Beat it, impact factor! Publishing elite turns against controversial metric. *Nature* 535, 210–211 (14 July 2016) doi:10.1038/nature.2016.
15. Fanelli D. How many scientists fabricate and falsify research? A systematic review and meta-analysis of survey data. *PLoS One* 2009; 4:e5738.
16. Smith R. Beware the tyranny of impact factors. *J. Bone Joint Surg. Br.* 2008; 90:125-126.

17. Thelwall M, Haustein S, Larivière V, Sugimoto CR. Do Altmetrics Work? Twitter and Ten Other Social Web Services. *PLoS ONE* 2013; 8(5): e64841. doi:10.1371/journal.pone.0064841
18. Peter Binfield Open access megajournals – have they changed everything? Creative Commons, 23 Oct. 2013. <http://creativecommons.org.nz/2013/10/open-access-megajournals-have-they-changed-everything>
19. Polanco-Carrasco, R. Ciência em uma pintura de corpo. *Cuadernos de Neuropsicología Panamerican Journal of Neuropsychology* 2012; 6(1) p.13-15 <http://www.cnps.cl/index.php/cnps/article/view/131/118>
20. Benito, E. El científico en busca de sentido. *Cuadernos de Neuropsicología Panamerican Journal of Neuropsychology* 2012; 6(1). 16-22. <http://www.cnps.cl/index.php/cnps/article/view/132/119>
21. Polanco-Carrasco, R. Alter to disrupt. *Cuadernos de Neuropsicología Panamerican Journal of Neuropsychology* 2015; 9(3).16-17. <http://www.cnps.cl/index.php/cnps/article/view/204/214>
22. Seglen, P. O. The skewness of science. *J. Am. Soc. Inf. Sci.* 1992; 43: 628–638. doi:10.1002/(SICI)1097-4571(199210)43:9<628::AID-ASI5>3.0.CO;2-0
23. Barros, M. Altmetrics: métricas alternativas de impacto científico com base em redes sociais. *Perspectivas em Ciência da Informação* 2015; v.20, n.2, p.19-37, abr./jun. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/1782>
24. Moore, S., et al. Excellence R Us: University Research and the Fetishisation of Excellence. *Figshare* 2016 Available from: http://figshare.com/articles/Excellence_R_Us_University_Research_and_the_Fetishisation_of_Excellence/3413821/1
25. Khomami, N. All scientific papers to be free by 2020 under EU proposals. *The Guardian* 2016; Available from: <http://www.theguardian.com/science/2016/may/28/eu-ministers-2020-target-free-access-scientific-papers>